

ERA UMA VEZ O FECHAMENTO DA LIVRARIA CAMÕES

A notícia, no início deste 2012, do fechamento da Livraria Camões no Rio de Janeiro espalhou-se com velocidade graças às redes sociais. A crise na zona do euro e seu conseqüente abatimento sobre Portugal teriam, entre outros motivos, levado a essa decisão. Manifestações de professores, de escritores, de estudantes, de aficionados dos livros, enfim, de usuários e de conhecedores da importância da Camões para as Letras no Brasil foram disseminadas também em rede, indo da indignação à composição poética em tom rememorativo-melancólico.

O que leva ao fechamento de uma livraria como a Camões? Resposta (aparentemente) fácil: a crise da leitura no suporte livro e a crise financeira que arremeteu sobre os portugueses. Solução (também aparentemente) fácil e rápida: que se feche a casa de livros e que se alardeiem a agilidade, a comodidade e os baixos custos da consulta e da compra de livros por via da rede internacional de computadores.

O paradoxo instaura-se pela e na rede: se ela contribuiu para o alerta, para a divulgação de ideias e o compartilhamento de imagens do encerramento das atividades da Camões, por outro lado, o seu uso é arvorado como uma das respostas ágeis e legítimas aos impasses econômicos, sociopolíticos e culturais do mundo contemporâneo. Ah! e que não nos esqueçamos da sustentabilidade, para não passarmos por politicamente incorretos...

O livro é um objeto de desejo, como um corpo cobiçado: a capa, rosto que nos chama por atração ou por repulsão; a brochura solicita-nos sua abertura e o (re)conhecimento de meandros nunca antes percorridos; as palavras e seu jogo plástico-semântico nos sussurram aos ouvidos; o clímax leva-nos ao limite; e o término da leitura deixa-nos o gosto da descoberta e promessas de retorno. Se um livro pode nos provoca tantas sensações, imaginemos uma livraria com seus corpos, digo, seus livros à mostra e ao alcance das mãos dos amantes!

A Camões é fechada e com ela se vai não somente toda uma história das Letras no Brasil, mas também um lugar de encontros de desencontros, de debates, de passagens. Ficam as promessas das redes e suas “janelas” abertas para o mundo, um mundo embrionário e matricial, que ainda não

mostrou sua proficuidade de modo indelével como os livros. E a sabedoria de compreender que crises econômicas e sociopolíticas passam e sempre existirão e que o lastro educativo-cultural é definitivo nas suas resoluções – onde está ela? Que nos respondam os responsáveis pela proposição do fechamento da Camões.

Rosana Cristina Zanelatto Santos – UFMS/CNPq

Presidente da ABRAPLIP – 2012/2013

P.S. Este texto foi manuscrito e posteriormente digitalizado. Foram consumidas seis páginas de um caderninho de anotações. A digitalização foi feita em aproximadamente 20 minutos. Não sabemos quanto tempo demorará para que os arquivos se corrompam, porém, o manuscrito durará enquanto houver alguém que o preserve.